

A CRÍTICA DE OSCAR GUANABARINO A MULHERES INSTRUMENTISTAS: ALGUNS ATRAVESSAMENTOS

AMANDA OLIVEIRA¹; CARLA GASTAUD²

¹Amanda Oliveira – amand_oli@hotmail.com

²Carla Gastaud – crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Oscar Guanabarin de Sousa e Silva (1841-1937)¹ é caracterizado como “uma figura central da vida cultural do Rio de Janeiro em sua época” (GRANGEIA, 2005, p. 21), dado o conjunto de atividades que desenvolveu ao longo de sua vida, tais como a docência, a dramaturgia, a sua atuação em associações de imprensa e de autores teatrais, e, em especial, o seu trabalho como crítico de artes.

Como crítico, Guanabarin destacou-se por seus escritos sobre música, sendo considerado tanto por seus contemporâneos, quanto por alguns pesquisadores o fundador da crítica musical especializada no Brasil. Sua extensa produção, que registra mais de meio século de práticas musicais, foi veiculada pelos mais importantes periódicos locais, como *O Paiz* e o *Jornal do Commercio*, para os quais escreveu, respectivamente, entre 1884-1917 e 1917-1937.

A atuação do crítico abarca a transição entre os séculos XIX e XX, época de intensificação da presença feminina nos espaços públicos, de ampliação do seu acesso à educação, aos mundos da música e do trabalho. Entretanto, a ocupação de novos espaços por elas – e o incipiente tema da emancipação feminina – não significou a eliminação de costumes e preconceitos tradicionais (NEEDELL, 1993, p. 165). Além de pautar as leis e os costumes, os estereótipos de gênero tinham respaldo também na ciência que, através das descobertas da medicina e da biologia, “ratificavam cientificamente a dicotomia: homens, cérebro, inteligência, razão lúcida, capacidade de decisão versus mulheres, coração, sensibilidade, sentimentos” (PERROT apud ENGEL, 2017, p. 332).

No que diz respeito à música: se, por um lado, na segunda metade do século XIX iniciou-se uma mudança gradativa na atividade musical das mulheres, como o aumento de sua exibição nos espaços públicos, culminando, já no fim do século, numa abertura para a profissionalização; por outro, as visões restritivas em relação ao potencial da mulher eram uma perspectiva corrente, pois “inspirados pela ciência, mesmo os teóricos e filósofos da música acreditavam na inaptidão da mulher para ofícios intelectuais, reservando a elas apenas os domínios das emoções subjetivas” (FREIRE; PORTELLA, 2013, p. 283).

De certa forma, encontram-se reflexos dessa perspectiva na historiografia tradicional da música, pois o pouco registro da atividade musical das mulheres – na cena musical no Rio de Janeiro entre 1890 e 1920, período também conhecido como *Belle Époque* – não se deve à ausência dessas práticas, mas “por estas serem consideradas irrelevantes” (VERMES, 2013, p. 305). Além disso, quando

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

¹ Embora Sacramento Blake, no seu Dicionário Bibliográfico Brasileiro (1900), informe que Oscar Guanabarin nasceu em 1851, informação reproduzida por Grangeia (2005) e Passamae (2014), em entrevista o próprio crítico afirma ter nascido em 1841 (*O Malho*, 13 set. 1934, p. 20-21).

empregados na formação de músicos e interessados, os manuais de história da música projetam “(explicitamente ou não, intencionalmente ou não) critérios e valores para pensar a música e as várias atividades a ela relacionadas, constituindo um cânone pedagógico” (*Ibid.*). Nesse sentido, é possível afirmar que a narrativa histórica participa da construção e perpetuação de um discurso hegemônico acerca das mulheres e suas práticas musicais.

Outro canal pelo qual esse e outros discursos sobre música são construídos e perpetuados é a crítica musical (GREEN, 1997). Contudo, a crítica musical também possui “grande potencial de questionar concepções tradicionalmente aceitas e, conseqüentemente, confirmá-las ou alterá-las” (GOLDBERG; OLIVEIRA, 2019, p. 2), tornando-se assim uma importante fonte para a musicologia. Desse modo, as críticas de Oscar Guanabarro a mulheres instrumentistas se caracterizam como uma rica fonte de estudos, podendo perpetuar e/ou questionar discursos hegemônicos.

Deve-se considerar, ainda, que a crítica musical não é um retrato “fiel” de um acontecimento (CASTRO, 2019) e sim uma “prática de escrita, ao mesmo tempo regulada e reguladora” (*Ibid.*, p. 12). Isto posto, neste trabalho, fruto de uma pesquisa ainda em andamento, buscamos apresentar alguns atravessamentos possíveis na crítica de Oscar Guanabarro a mulheres instrumentistas.

2. METODOLOGIA

Esta proposta encontra-se no âmbito do que Gil (2008) define como Pesquisa Documental dada a natureza das fontes, que são majoritariamente as críticas musicais de Oscar Guanabarro a mulheres instrumentistas, publicadas no jornal *O Paiz* entre 1884 e 1917². Assim sendo, “o primeiro passo [da pesquisa] consiste na exploração das fontes documentais” (*Ibid.*, p. 51); o segundo, na análise crítica das fontes com base no referencial teórico, além de cruzar as informações presentes nas críticas com acontecimentos e normas vigentes no período histórico em que estas foram produzidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em levantamento de dados preliminar, foram computadas 114 críticas a mulheres instrumentistas, contando tanto suas participações em concertos solo, quanto apresentações em concertos e festas diversos, cabendo frisar que está sendo realizada uma nova triagem, mais criteriosa. Divididas por décadas, temos até o momento os seguintes números: 21 críticas entre 1884-1889; 42 entre 1890-1899; 26 entre 1900-1909; e 25 entre 1910-1917. Esses números corroboram os apontamentos de Vermes (2013) quanto ao pouco registro das atividades musicais de mulheres pelos manuais de história da música brasileira, por serem consideradas irrelevantes.

Quanto à análise das críticas, sabe-se que Oscar Guanabarro mostra concepções claras a respeito do que seriam características interpretativas femininas e masculinas, com base em estereótipos de gênero (OLIVEIRA, 2018). Essa conclusão se deu a partir do recorte “A interpretação sob os estereótipos de gênero”, no qual concentramo-nos especificamente nos estereótipos; portanto, outras problemáticas não foram exploradas.

² Tais fontes provêm do banco de dados constituído pelo projeto “Oscar Guanabarro e a crítica musical no Brasil” (2016-), que tem por objetivo a compilação, sistematização e análise dos escritos sobre música de Oscar Guanabarro. Esse banco de dados, até o momento, contém as publicações do crítico no jornal *O Paiz*, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira.

Um olhar mais amplo sobre o conteúdo das fontes tem mostrado que outras particularidades influenciaram as considerações do crítico, tais como as circunstâncias das apresentações. Em crítica de 1897, por exemplo, o crítico ressalva que, naquela ocasião, “tratando-se de uma festa de caridade, cessa a crítica para dar lugar á chronica” (*O Paiz*, 29 set. 1897, p.2). Nesses casos, ele se limitaria a “dar resumida chronica e a transcrever o programma” (*O Paiz*, 13 mai. 1906, p.10).

Entretanto, Elisa Pekschen, “pianista russa, de nomeada, discipula do celebre Antoine Rubinstein”, teria obrigado o crítico a “contrariar as praxes estabelecidas” (*O Paiz*, 13 mai. 1906, p.10): em lugar de apenas descrever o concerto beneficente, Guanabarino empenhou-se em avaliar a pianista. Para o crítico, apesar da gravíssima enfermidade que a atingira, Mme. Pekschen teria “o tocar masculino, firme, despido desse estylo flacido, doentio, que em regra manifestam as senhoras ao piano; quem a ouvisse sem vel-a, diria ser um homem sentado ao piano” (*Ibid.*).

Como se vê, as características interpretativas tidas como masculinas na interpretação de Elisa Pekschen fizeram o crítico colocá-la, figurativamente, como homem para quem “a ouvisse sem vel-a”. Tal afirmação vai ao encontro do entendimento de Lucy Green (1997), para quem a construção discursiva sobre mulheres e homens musicistas produz determinadas características nas quais é difícil a separação entre sexo e gênero, ou seja, entre mulheres e feminilidade, e homens e masculinidade; mas também mostra que, apesar da corrente essencialização dessas características, estas não são estanques na interpretação musical.

Da mesma forma, essa ruptura com o “estilo” esperado de uma pianista mulher pode explicar o rompimento de Oscar Guanabarino com as “praxes estabelecidas” quanto aos concertos beneficentes. Isso possibilita a discussão acerca da relação entre o contexto da performance e a postura do crítico em suas avaliações, no que diz respeito ao aparecimento ou não dos estereótipos de gênero e o que a sua presença ou ausência podem significar.

4. CONCLUSÕES

As críticas musicais de Oscar Guanabarino a mulheres instrumentistas, publicadas no jornal *O Paiz* entre 1884 e 1917, têm o potencial de resgatar a memória da atividade musical das mulheres na *Belle Époque* brasileira, além de evidenciarem nuances da construção e difusão do discurso hegemônico acerca das musicistas desse período. Neste trabalho buscou-se mostrar como algumas particularidades, a exemplo das circunstâncias da apresentação, podem ter afetado as avaliações do crítico.

É importante salientar que, como já foi dito, a crítica musical é simultaneamente regulada e reguladora. Por isso, para os estudos das críticas de Guanabarino a mulheres instrumentistas, é fundamental ter em conta as transformações da própria cena musical do Rio de Janeiro, a complexidade que envolve as relações de gênero no seu período histórico, bem como as circunstâncias e intenções do próprio crítico, pois “a crítica é ela própria uma modalidade de actuação – e portanto, um exercício de poder” (CASTRO, 2019, p.11).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Paulo F. A crítica musical como objecto de estudo: algumas reflexões e pontos de referência no contexto português. In: **I Simpósio Internacional Música e Crítica**. Pelotas, 2019. p.9-26.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In: DEL PRIORE, M. (Org). **História das mulheres no Brasil**. Ed. 10ªed, 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p.322-361.
- FREIRE, Vanda; PORTELA, Angela Celis Henriques. Mulheres compositoras – da invisibilidade à projeção internacional. In: NOGUEIRA, I; FONSECA, S (Org.). **Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas**. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p.279-302.
- GALVÃO, Francisco. Cartazes na Intimidade - Oscar Guanabaro narra coisas da sua vida. **O Malho**. Rio de Janeiro, 13 set. 1934, p.20-21.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed., São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDBERG, Luiz Guilherme; OLIVEIRA, Amanda. Apresentação. In: **I Simpósio Internacional Música e Crítica**. Pelotas, 2019. p.1-5.
- GRANGEIA, Fabiana de Araujo Guerra. **A crítica de artes em Oscar Guanabaro: artes plásticas no século XIX**. 2005. Dissertação (Mestrado em História da Arte). Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- GREEN, Lucy. **Music, Gender, Education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GUANABARINO, Oscar. Elisa Pekschen. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 13 mai. 1906. Artes e Artistas, p.10.
- GUANABARINO, Oscar. Festival. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 set. 1897. Artes e Artistas, p.2.
- NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- OLIVEIRA, Amanda. **O feminino na crítica musical de Oscar Guanabaro: discursos sobre mulheres concertistas na Belle Époque brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Musicais). Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. v.6. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. p.393.
- VERMES, Mônica. As mulheres na cena musical do Rio de Janeiro da Belle Époque: práticas e representações. In: NOGUEIRA, I; FONSECA, S (Org.). **Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas**. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p.303-322.